

FEBRA PSI [57]

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

WWW.FEBRAPSI.ORG.BR

50 anos

NOTÍCIAS:
Psicanálise chega a novos públicos com a mídia digital

ARTIGOS:
Mal-estar na contemporaneidade

ATA DE FUNDAÇÃO DA "ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE"

Aos seis dias de maio de mil novecentos e sessenta e sete, sob a Presidência da Profª. Virginia Leone Bicudo, secretariada pelos Drs. Laertes de Moura Ferrão e Armando Ferrari, reuniram-se, no salão nobre da Associação Paulista de Medicina, à rua Brigadeiro Luiz Antonio, nº 278, os seguintes membros: Dr. Gecel Zsterling (S.P.), Dr. Danilo Perestrello (G.B.), Dr. Darcy M. Uchoa (S.P.), Dr. Isaias Melsohn (G.B.), Dr. Armando Ferrari (S.P.), Profª. Virginia Leone Bicudo (S.P.), Dr. Laertes de Moura Ferrão (S.P.), Dr. Luiz Guimarães Dahlheim (G.B.), Dr. João Côrtes de Barros (G.B.), Dr. Cyro Martins (R.S.), Dr. Durval Marcondes (S.P.), Dr. Ernesto La Porta (R.S.), Profª. Lygia A. Amaral (S.P.), Dr. Davi Zimmermann (R.S.), Drª. Maria que Mendes (G.B.), Drª. Adelheid Koch (S.P.), Dr. José Ma Manhaes (G.B.), Dr. Fábio Leite Lôbo (G.B.), Dr. Antonio Dutra Júnior (G.B.), Dr. Santiago Wagner (R.S.), Dr. Antonio Dutra Júnior (G.B.), Dr. Fernando Guedes (R.S.), Dr. Roberto Pinto Ribeiro (R.S.), Dr. Isaac Pechansky (R.S.), Dr. David Ramos (S.P.), Dr. Chaim José Hamer (S.P.), Dr. Luiz de Almeida Prado Calvão (S.P.), Dr. Octávio Luiz de Barros Salles (S.P.), Drª. Zenaira Araújo (G.B.), Dr. Mário Pacheco de Almeida Prado (G.B.), Dr. Rinaha (G.B.), Dr. Eugênio Mariz de Oliveira (S.P.), Dr. Jayme Sandler (S.P.), Dr. Milton Zaidan (S.P.), Dr. Walderego Isbeiro (S.P.), Dr. Milton Zaidan (S.P.), Dr. Walderego Ismael de Oliveira (G.B.), que decidiram, por aclamação, fundar a Associação Brasileira de Psicanálise (A.B.P.), tendo por finalidade congregar as Sociedades Psicanalíticas Brasileiras. Visando tornar esta idéia uma realidade foi proposta pelo Dr. Armando Ferrari a criação de uma Comissão de Anteprojeto de Estatutos da A.B.P., presidida pelo Prof. Mário Martins (R.S.). A Presidência da Comissão foi discutida a proposta, que não foi votada, pois levantando-se e aclamando-se, então, discutiu-se e concordou-se.

Fortaleza recebe o Congresso Brasileiro de Psicanálise

Um ano se passou da nossa eleição pela Assembleia dos Delegados, em Fortaleza. Como diretor científico da gestão anterior participei da Assembleia na qual se votou e se acrescentou uma série de itens na nossa atual agenda, que estamos dando conta!

Em novembro de 2015, a nova diretoria já havia realizado uma série de preparativos para o próximo congresso em novembro de 2017, em Fortaleza. A excepcional receptividade do então GEPFor, facilitou os contatos para os preparativos ao Congresso. Contamos com a diretoria da ABC e desta atual Sociedade de Fortaleza, SPFOR. Em janeiro de 2016 realizamos na SBPSP uma reunião com os diretores científicos das federadas e o presidente da ABC, para determinar o tema do Congresso, "Morte e vida: novas configurações". No primeiro semestre, a Febrapsi participou dos preparativos do 1º Congresso de Psicanálise de Línguas Portuguesas, em Lisboa. Nossa participação, sob o comando de Ney Marinho, foi substancialmente científica, tendo um comitê brasileiro local, que convocou a presença de membros e candidatos, selecionando os trabalhos dos colegas de países de língua portuguesa.

A Febrapsi também se engajou no apoio a grupos de analistas que pretendem se constituir como núcleos de estudo junto a uma sociedade mãe. A aprovação de uma comissão de apoio aos núcleos já iniciou os trabalhos.

Engajamo-nos também nos preparativos das comemorações de 50 anos da Febrapsi, elaborando uma programação científica para os dias 5 e 6 de maio no Rio de Janeiro, nossa sede. Estamos preparando também um número especial da Revista Brasileira de Psicanálise acerca de nossa história.

A nova diretoria da Febrapsi, de Cultura e Comunidade, que substituiu a diretoria de relações exteriores, tem se engajado junto às federadas a colher dados sobre essas atividades, inclusive daqueles que compunham o grupo de responsabilidade social. Também chamo atenção para a conversa intensa realizada em nossa página no Facebook, onde analistas das federadas foram convidados a comentar, de forma acessível aos leigos, ensaios de Freud que completaram 100 anos em 2016. Uma nova série de artigos pequenos, mais temática, está sendo



Daniel Delouya

PRESIDENTE

preparada para o próximo ano.

Além da programação científica e social do Congresso Brasileiro, estamos concluindo a agenda dos eventos preparativos junto às federadas até outubro de 2017. Já foram realizados esses eventos em Porto Alegre, junto à SBPPA e à SPPA, em Campo Grande junto à SPMS, em Fortaleza junto à SPFOR, em Brasília junto à SPB, em Recife, e em Campinas junto ao GEP- Campinas, e de uma mesa em Cartagena, no Congresso da Fepal.

A morte e/ou a perda, a separação do outro, é sempre, senão definitiva, ao menos em certo sentido, incontornável. A morte revela a vida e seus sentidos. É uma maneira de constatar, intuitivamente, a precedência lógica, de ponto de vivência psíquica, da morte em relação à vida. A perda, no entanto, só se constitui como tal, em relação a uma vida que se construiu. A morte surge em relação a uma longa jornada de construção da vida.

Esta visão contrasta com outra que relaciona a morte com o pânico, a agonia, o pavor ou o medo sem nome, os sentimentos extremos de vazio, de aniquilamento, de catástrofe, de limites da existência, e, no regime social, todas as formas de abolição de reconhecimento do outro. Freud, Klein, Lacan e Bion, entre outros, relacionaram esses estados aos momentos extremos de desamparo dos inícios da vida, ou de reações extremadas diante da carência ou de graves falhas do ambiente humano que deixou de comparecer nos momentos iniciais da existência. Teriam esses estados, em que a vida mal se vislumbra, senão em suas bordas de desespero, algo a ver com a morte?

Seria apenas uma dimensão perplexa, de muitas outras que o tema, mesmo quando estritamente vinculado ao nosso trabalho e reflexão clínica, nos abre a porta para diversificadas contribuições dos colegas. Bom ano, boas comemorações de nossa Febrapsi, e bom Congresso a todos!

Freud escreveu, em 1929, um lindo trabalho no qual identifica o mal-estar produzido no homem quando este, contrariando sua própria natureza, renuncia à parte de sua satisfação instintual para usufruir dos privilégios de viver em civilização (alimento, proteção, etc). Alguns pensadores, como Bauman, colocam essa necessidade de preterir, ou ao menos de moderar, como uma característica própria da modernidade, e não dos tempos atuais. Agora, na chamada pós-modernidade, ao invés da renúncia, temos o imperativo do consumo e exigência de satisfação como ordem implícita da sociedade. Frente a essas caracterizações do mal-estar na cultura, FEBRAPSI NOTÍCIAS convidou alguns colegas a fazer uma reflexão sobre o mal-estar na cultura hoje, a partir do seguinte estímulo:

Podemos pensar que houve mudanças fundamentais na caracterização do mal-estar na cultura, tal como descrito por Freud, em relação aos dias de hoje? Com relação às novas configurações familiares, sociais e culturais, podemos dizer que provocam alguma transformação na forma de estruturação psíquica? Por quais caminhos se compreende que a Psicanálise possa avançar considerando a cultura contemporânea?

Enquanto Valton Miranda Leitão (SPFor) nos traz a companhia de Freud na análise das mudanças sociais, culturais e políticas do nosso tempo, Hemerson Ari Mendes (SPPel) busca identificar alguns mal estares que os próprios psicanalistas se deparam, como por exemplo, a necessária atualização da discussão sobre as manifestações da sexualidade hoje dentro das instituições psicanalíticas. Miguel Calmon du Pin e Almeida (SBPRJ) salienta a crescente manifestação da linguagem do ódio e da intolerância na cultura globalizada, salientando o importante papel da psicanálise em criar condições propícias ao diálogo como forma de se contrapor a essa tendência. E Silvana Rea (SBPSP) desenvolve uma correlação entre a concepção do homem antes da concepção da subjetividade, após sua concepção e a crise desse paradigma nos tempos atuais com as manifestações desse processo nas artes.

Outro grande destaque dessa edição são os 50 anos da Febrapsi. Por meio de um primoroso artigo de Daniel Delouya (SBPSP) sobre o passado, presente e futuro da Febrapsi e da psicanálise brasileira e com a programação do evento científico-cultural, buscamos dar destaque às comemorações de tão importante data. Na presente edição constam também os informes das comissões científica e local do nosso próximo congresso brasileiro, as quais, juntamente com toda a diretoria da Febrapsi, trabalham arduamente para realizar um belo encontro em Fortaleza.

Por fim, as notícias da Febrapsi, relatando a primeira atividade científica da nova Diretoria de Comunidade e Cultura, a busca de uma maior integração da Febrapsi na mídia digital, etc.

Em meu nome e em nome da comissão editorial do Febrapsi Notícias, desejo a todos uma ótima leitura e um feliz 2017.



Celso Halperin

EDITOR

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editor: Celso Halperin

Comissão Editorial: Ceres Leonor Tavares, Magda Beatriz Martins Costa, Sandra Regina Wolfenbüttel

JORNALISTAS RESPONSÁVEIS

Ana Klein DRT/RS 8741 Vera Nunes DRT/RS 6198

CAPA

Arte sobre Ata de Fundação e notícias de jornais brasileiros de 1967

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Anderson Muniz / Daniella Ferst - CLEMENTE DESIGN

IMPRESSÃO

Gráfica Camaleão

Federação Brasileira de Psicanálise

Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / Sala 704 RJ - CEP 22020-001

Tel/Fax: 55 21 2235.5922 / 2545.5138

email: febrapsi@febrapsi.org.br

site: www.febrapsi.org.br

Sugestões, dúvidas ou críticas podem ser enviadas para jornal@febrapsi.org.br

CONHEÇA AS NOVIDADES DO PRÓXIMO CONGRESSO

EVENTO EM FORTALEZA TERÁ ÊNFASE NA PLURALIDADE E NA INCLUSÃO.

O próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Fortaleza, promete inovações na temática, forma de apresentação e na dinâmica de funcionamento, para atender melhor os diferentes públicos e as novas necessidades que surgem com eles.

Assim, pluralidade e inclusão passam a ser a tônica dos esforços da comissão organizadora. “Cada congresso tem a sua peculiaridade ditada pelo tema, momento, local, contexto histórico e, sobretudo, pela contribuição de seus participantes. Já recebemos um grande número de sugestões de temas específicos, propostas de mesas e de diálogos com várias áreas afins. Observamos que o tema do congresso despertou muitos questionamentos em relação ao morrer e ao viver em nossos tempos e culturas”, constata o Diretor Científico da Febrapsi, Ney Marinho.

Entre os temas sugeridos estão as novas configurações familiares, o direito à vida e à morte assistida, as complexas relações entre a psiquiatria, as neurociências e a psicanálise. A migração – interna e externa – foi um dos temas mais solicitados, assim como as relações entre a psicanálise com a política, com a edu-

cação (outro tema muito lembrado), com a arte e com a filosofia; a questão da paz, ou, a retomada do diálogo Einstein – Freud. Também foram sugeridas a psicanálise dos estados primitivos da mente, assim como a do envelhecimento e dos idosos; e ainda o modelo de formação para os novos tempos. Assim, o desafio da diretoria científica da Febrapsi é fazer o melhor com essa abundância de ideias, propostas e projetos.

Para realizar um Congresso marcado pela inclusão e pluralidade, entre as novidades está a criação de uma **secretaria de acessibilidade**, para garantir que as apresentações obedeçam a normas que permitam a ampla participação de todos. No momento da inscrição, o participante deverá indicar sua particular dificuldade – motora, visual, auditiva ou de outra ordem.

Outra novidade é a oferta de **Bolsas para a inscrição de estudantes universitários**. Já são sete bolsas destinadas para universitários de Fortaleza. Duas foram sorteadas na recente Jornada, pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza. Outras cinco bolsas são provenientes da Comissão de Intercâmbio SBPRJ – CPLP.

O Congresso comportará **72 mesas redondas**. Haverá duas plenárias no último dia, sem quaisquer outras atividades simultâneas.

Serão **12 mesas clínicas**: seis de exercícios clínicos e seis de casos clínicos, referentes ao atendimento pais-bebês, crianças, adolescentes, adultos, psicose (ou patologias graves) e idosos. Estão sendo planejadas mesas sobre a psicanálise de pacientes autistas.

Além das longas-metragens, *Olhar de Nise* e *Benjamin*, serão projetados curtas-metragens ou realizadas projeções parciais em mesas para discussão própria, como: *Numa escola em Havana*; *Tudo é verdade* (Orson Welles) e *Ponto Zero*.

- Poderão ser até **12 cursos e seis grupos de trabalho** (mesas com interessados num autor, coordenadas por psicanalistas).
- O evento comporta até **24 Reflexões Psicanalíticas ou Diálogos Psicanalíticos**.
- Poderão ser **72 temas livres**. Os candidatos foram convidados para coordená-los e para as mesas do eixo de ensino.
- **Pôsteres e exposições de artes plásticas** estão também previstos.

Marinho destaca que “para que tudo isto se transforme numa grande e fraterna reunião para pensar a Psicanálise em nossos tempos, precisamos fundamentalmente da presença e da participação de nossos associados”.

APRESENTAÇÃO DE PÔSTERES

Indicar título e breve descrição do conteúdo, com até 200 palavras.

Prazo de recebimento: até 31 de julho de 2017.

APRESENTAÇÃO DE TEMAS LIVRES

Destinado a Analistas Didatas, Membros Efetivos, Membros Associados e Candidatos das Sociedades e Grupos de Estudos filiados à Febrapsi e profissionais das áreas afins.

Prazo de recebimento: até 31 de maio de 2017.

PRÊMIOS

Destinado aos Analistas Didatas, Membros Efetivos, Membros Associados e Candidatos das Sociedades e Grupos de Estudos filiados à Febrapsi que desejem concorrer com seus textos aos Prêmios de melhor trabalho nas categorias:

Analista Didata - prêmio “Durval Marcondes”

Membro Efetivo - prêmio “Fábio Leite Lobo”

Membro Associado - prêmio “Mário Martins”

Candidato - prêmio “João Bosco Calábria Oliveira”

Todas Categorias da Febrapsi - prêmio da Revista Brasileira de Psicanálise.

Prazo de recebimento: até 30 de junho de 2017.

Para participar de quaisquer destas modalidades é necessária a inscrição no Congresso.

Informações e inscrição em

www.congressofebrapsi2017.com.br





PSICANÁLISE CHEGA A NOVOS PÚBLICOS COM A MÍDIA DIGITAL

Sócios da Febrapsi geram conteúdo para compartilhar com a comunidade

Buscando incrementar a comunicação com os sócios e com a comunidade em geral, a Febrapsi está dedicando grandes esforços para acompanhar a mídia digital. Além de um novo site, bem mais ágil e moderno (www.febrapsi.org.br), estão sendo publicados posts com conteúdo psicanalítico, produzidos pelos próprios sócios, em nossa página do Facebook (www.facebook.com/febrapsi.org). O trabalho, sob a coordenação da Diretoria de Publicações e Divulgação, teve início com uma série de 15 artigos, produzidos por sócios, comemorativos ao centenário das Novas conferências Introdutórias de S. Freud. Buscou-se seguir na mesma linha com quatro matérias homenageando os trabalhos: *Sobre a transitoriedade* e *Alguns tipos de caráter encontrado no trabalho psicanalítico*. Também estão sendo publicados, semanalmente, pequenos textos sobre alguns dos termos mais usados em psicanálise, como por exemplo ato falho, inconsciente, complexo de Édipo etc.

“Convidamos a todos para que aproveitem e compartilhem esses textos nas suas sociedades e com seus amigos em geral, já que nosso objetivo é a divulgação da psicanálise e da Febrapsi, e suas federadas, junto a toda comunidade, especialmente o público mais jovem”, afirma o diretor Celso Halperin. A ideia é que mais pessoas curtam, comentem e compartilhem, assim também a Febrapsi chegará até muitos e diferentes públicos.

Modernização do site da Revista COM NOVOS SERVIÇOS, AUMENTOU O NÚMERO DE ACESSOS

O ano de 2016 foi rico em novidades na Revista Brasileira de Psicanálise. A editora da Revista, Silvana Rea, explica que “encontram-se disponíveis no site www.rbp.org.br não apenas a compra de exemplares avulsos e assinaturas da Revista, mas a versão em espanhol e em inglês de textos publicados pela Febrapsi. Esta é a maneira da RBP divulgar e difundir o pensamento psicanalítico brasileiro para além de nossa fronteira”.

As versões em inglês e espanhol fazem parte de um novo serviço que o site da Revista disponibiliza. Como início, são oferecidos dois textos publicados no número 50-2 *In Corpore*, correlato ao tema do último congresso da Fepal: *O corpo na psicanálise: sua especificidade do ponto de vista da história das ideias*, de Luiz Tenório Oliveira Lima e *A metamorfose adolescente: uma nova relação corpo-mente*, de



Myrna Pia Favilli. “Eles foram selecionados para inaugurar esta nova possibilidade de acesso por apresentarem amplitude conceitual”, esclarece Silvana. A modernização do site da Revista trouxe um expressivo aumento de 967% das vendas de exemplares avulsos, se comparado ao mesmo período do ano anterior. Os próximos números são *Silêncio* (50-4) e *Exílios e Repatriações* (51-1). Dentro das comemorações do cinquentenário da Febrapsi também está o lançamento de um número extraordinário da Revista.

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Daniel Delouya
Secretária Geral: Anette Blaya Luz
Tesoureiro: Wagner Francisco Vidille
Diretor Científico: Ney Couto Marinho
Diretora do Conselho Profissional: Rosane Muller
Diretor do Departamento de Publicações e Divulgação: Celso Halperin
Diretora de Comunidade e Cultura: Cintia Xavier de Albuquerque
Diretora Superintendente: Rosa Maria Carvalho Reis

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Karel De Ublo
Assessora de Comunicação: Taís Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Silvana Rea
Editora Associada: Cintia Buschinelli

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Ney Couto Marinho
Secretária: Regina Célia Cardoso Esteves
SBPSP: Silvana Rea
SPRJ: Maria Terezinha Henriques
SBPRJ: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
SPPA: Zelig Libermann
SPRPE: Carolina Cavalcanti Henriques
SPBSb: Maria Silvia Regadas de Moraes Valladares
SBPdePA: Patrícia Menelli Goldfeld
SPPel: Christine Marques Castro Vinhas
SBPRP: Thaís Helena Thomé Marques
APERJ-Rio4: Rosa Raposo Albé
SPMS: Leila Tannous Guimarães
SBPMG: Gisèle de Mattos Brito
SPFOR: Maria de Lourdes Negreiros Lima
GEPG: Lúcia Helena Meluzzi Xavier
GEPCampinas: Martha Prada e Silva
GPC: Sérgio Seishim Kaio

DELEGADOS

Bernardo Tanis	Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro
José Martins Canelas Neto	Ana Márcia V. de Paula Rodrigues
José de Matos	Eliana Maria dos Santos Lobo
Judit Kosa Letsche	Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
Miguel Calmon du Pin e Almeida	Maria de Fátima Chavarelli
Fernanda de Medeiros Arruda Marinho	Paulo Marcio Bacha
Maria Lucrécia Scherer Zavaschi	Edna Pires G. Torres
Eleonora Abbud Spinelli	Thereza Cristina Paione Rezende
José Fernando de Santana Barros	Álvaro Alves Velloso
Magda Sousa Passos	Marísia Abrão
Roberto Calil Jabur	Petrônio Sá Benevides Magalhães Júnior
Silvia Helena D. de C. Heimbürger	Maria de Lourdes Negreiros Lima
Ana Paula Terra Machado	Nelson José Nazaré Rocha
Celso Halperin	Hang-Ly Homem de Ikegami Rochel
Hemerson Ari Mendes	Edival Antônio Lessnau Perrini
Christine Marques Castro Vinhas	Andreas Zschoerper Linhares

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Bernardo Tanis

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
José de Matos

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Miguel Calmon du Pin e Almeida

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
Maria Lucrécia Scherer Zavaschi

Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)
José Fernando de Santana Barros

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSb)
Roberto Calil Jabur

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Ana Paula Terra Machado

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
Hemerson Ari Mendes

Sociedade Brasileira e Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro

Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4)
Eliana Maria dos Santos Lobo

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Maria de Fátima Chavarelli

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)
Edna Pires G. Torres

Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)
Regina Célia Cardoso Esteves

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)
Álvaro Alves Velloso

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)
Nelson José Nazaré Rocha

Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)
Edival Antônio Lessnau Perrini

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo de Psicanálise de Marília e Região	Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Natal	Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Maceió	Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis	Núcleo de Psicanálise de Uberlândia
Núcleo Psicanalítico de Aracaju	

Primeira atividade da nova Diretoria de

COMUNIDADE E CULTURA DA FEBRAPSI EM BRASÍLIA

A Sociedade de Psicanálise de Brasília realizou, em parceria com a Febrapsi, nos dias 11 e 12 de novembro, uma jornada preparatória para o Congresso Brasileiro de Psicanálise, que ocorrerá em Fortaleza.

Com o tema "Morte e Vida: novas configurações na cultura e na comunidade" a jornada marcou também o início das atividades da nova diretoria da Febrapsi. A presidente da SPBSb, Mírian Ritter, fez uma apresentação de algumas das atividades realizadas por membros da Sociedade nos espaços culturais e comunidades de Brasília. Mostrou-se o recente levantamento nacional sobre a atuação de psicanalistas fora dos consultórios, a chamada psicanálise a céu aberto. A inserção e a importância da psicanálise na cultura brasileira foram debatidas pelo presidente da Febrapsi, Daniel Delouya.

No segundo dia, membros de diversas federadas compartilharam suas iniciativas junto a comunidades, em diferentes áreas. A exibição do curta "Ilha das Flores", ao final, pautou o debate sobre o comprometimento da psicanálise em ações.

A diretora Cíntia Xavier de Albuquerque, comemora o sucesso da jornada. "O entusiasmo dos participantes nos leva a olhar adiante com muita esperança. Agradecemos a todos, a cada um, a cada momento, a presença nesses meses de organização. E vamos em frente com um grupo cada vez mais expandido", afirma.



TEMPO DE CELEBRAR OS 50 ANOS DA FEBRAPSI

Quando em 2008 a Associação se transformou em FEDERAÇÃO Brasileira de Psicanálise tinha a finalidade de ressaltar o caráter federativo da instituição e sua amplitude nacional. Passados 50 anos de sua fundação, constata-se que os principais objetivos foram alcançados, promovendo a difusão e ensino da psicanálise em grande parte do território nacional, mantendo os elevados critérios éticos e científicos que caracterizaram a entidade desde a fundação, além de reforçar a participação junto às sociedades que compõem a Fepal. Hoje a Febrapsi

é composta por mais de 2.100 membros, distribuídos em 16 estados do Brasil, além do Distrito Federal, congregando 16 federadas todas filiadas à IPA.

Para festejar os 50 anos dessa conquista, a Febrapsi, junto com as federadas do Rio de Janeiro, promoverá um evento científico-cultural e afetivo dedicado a todos os associados. Será uma oportunidade não só para pensar na história da entidade, como buscar uma visão mais nítida do presente e assim planejar, sonhar e construir os próximos 50 anos ou mais. É o momento para brindar essa conquista.

DIA 05 DE MAIO/ 2017 | DAS 18H ÀS 19H30 | LOCAL: SEDE DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO

PROGRAMAÇÃO

19h às 20h30

ABERTURA

Presidente da Febrapsi Daniel Delouya

Mesa 1: Psicanálise e Cultura

Palestrantes:

Cláudio Eizirik (SPPA) e Paulo Sergio Rouanet (ABL)

Coordenador da Mesa:

José de Matos (SPRJ)

**DIA 06 DE MAIO/ 2017 - DAS 9H30 ÀS 13H15 - LOCAL: HOTEL WINDSOR ATLÂNTICA
Endereço: Av. Atlântica, 1020 - Copacabana, Rio de Janeiro - RJ**

9h30 às 11h

Mesa 2: Psicanálise e Mulher

Palestrantes:

Wania Cidade (SBPRJ) e Tereza Crsitina Calomeni (UFF)

Coordenadora da Mesa:

Gleda Brandão Araújo (SPMS)

11h às 11h30

Coffee break

Lançamento do número comemorativo da RBP alusivo aos 50 Anos da Febrapsi.

11h30 às 13h

Mesa 3: Psicanálise e Arte

Palestrantes:

Leopold Nosek (SBPSP) e Antônio Carlos Secchin (ABL)

Coordenadora da Mesa:

Eliana Lobo (APERJ)

13h

ENCERRAMENTO

Ney Marinho - Diretor Científico da Febrapsi

Fundação da Associação Brasileira de Psicanálise

1967

1969
I Congresso Brasileiro de Psicanálise
CAXIAS DO SUL

1971
II Congresso Brasileiro de Psicanálise
RIO DE JANEIRO

1972
III Congresso Brasileiro de Psicanálise
SÃO PAULO

1973
IV Congresso Brasileiro de Psicanálise
RIO DE JANEIRO

1975
V Congresso Brasileiro de Psicanálise
PORTO ALEGRE

1977
VI Congresso Brasileiro de Psicanálise
RIO DE JANEIRO

1978
VII Congresso Brasileiro de Psicanálise
SÃO PAULO

1980
VIII Congresso Brasileiro de Psicanálise
RIO DE JANEIRO

1983
IX Congresso Brasileiro de Psicanálise
SÃO PAULO

50 anos

Por Daniel Delouya
PRESIDENTE DA FEBRAPSÍ

"Meu trabalho científico teve por meta esclarecer fenômenos insólitos, anormais, patológicos da psique, isto é, fazê-los remontar às forças psíquicas que por detrás deles atuam e mostrar os mecanismos ali em ação. Procurei fazer isso primeiramente em minha própria pessoa, depois em outros indivíduos, e enfim, numa ousada exploração, no gênero humano como um todo." (Freud 1936, carta a Romain Rolland)

Há menos de uma década a Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), fundada há 50 anos, em seis de maio (dia do aniversário de Freud) de 1967, assumiu o estatuto de Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi). Cinquenta anos configuram um momento histórico que ora comemoramos.

A história da psicanálise no Brasil é longa. Os interesses por ela remontam à data da publicação de *A Interpretação dos sonhos* (Dr. Juliano Moreira, na Bahia), passando pelos anos da I Guerra Mundial e começando a se consolidar em núcleos de difusão e formação no final dos anos 20 por diferentes veios e lideranças (Franco da Rocha, Durval Marcondes, Martins Gomes). Porém, o reconhecimento das sociedades brasileiras de psicanálise pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA), concretiza-se no fim da II Guerra. Após pouco mais de uma década, surge a Associação Brasileira de Psicanálise, hoje denominada Federação Brasileira de Psicanálise - Febrapsi com o intuito de facilitar a interlocução entre esses grupos (de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre) e sobretudo permitir a difusão da

psicanálise, apoiando os novos núcleos em várias partes do território nacional. A Febrapsi abriga hoje 16 entidades reconhecidas pela IPA (13 sociedades e 3 grupos de estudos) que se estendem do nordeste ao sul do país, além de 10 núcleos de psicanálise.

MARCOS DEIXADOS NA PSICANÁLISE BRASILEIRA NESTA CAMINHADA

Psicanálise não é uma ciência com tecnologia que se pode implementar horizontalmente sob instruções e exercícios, mas ela é uma apropriação junto a um outro em um dispositivo dissimétrico, vertical, que permite retomar os eixos constitutivos da vida psíquica. Na citação acima, Freud aponta o caminho: primeiramente 'em mim', depois 'nos outros' e por fim 'no gênero humano'. Não se trata apenas de um encadeamento temporal, mas, sobretudo, formal e estrutural. A transmissão possibilitada pela formação em mim se deu por "mensageiros" da psicanálise enviados diretamente da Europa, ou via Argentina, mas que, por uma via ou por outra, descendiam de pacientes de Freud e de seu grupo. Nas décadas seguintes, alguns brasileiros buscaram se analisar com analistas na Europa e mais tarde nos EUA. A formação psicanalítica em seus dois ambientes privados, análise pessoal e supervisão clínica, e em seu terceiro ambiente, esse público, composto por seminários e grupos de estudo, prosseguiu conforme os modelos de seus aportes ocidentais. Por isso, as trilhas de transmissão da prática analítica, seja por aqueles que chegaram de fora, seja por outros que a buscaram no exterior, estabeleceu o mapa das tendências das escolas psicanalíticas entre nós. A divisão do legado de Freud após sua morte e seus desfiladeiros em diferentes escolas, e as diferentes cisões que as sucederam, acabaram se refletindo de forma singular em nosso meio psicanalítico. O mesmo diz respeito à história de formação de grupos crescentes fora da IPA sobretudo a partir dos anos 70 e 80. A diversidade de idiomas psicanalíticos muito se deve a uma criatividade de vários analistas cujas obras enriqueceram a técnica e o escopo de intervenção clínica (em crianças, perversões, psicoses, casos-limite, psicopatias, psicossomática, autismo etc) aprofundando o saber psicanalítico.

Na nossa Federação, assistimos a duas mudanças significativas que

X Congresso Brasileiro de Psicanálise
RIO DE JANEIRO

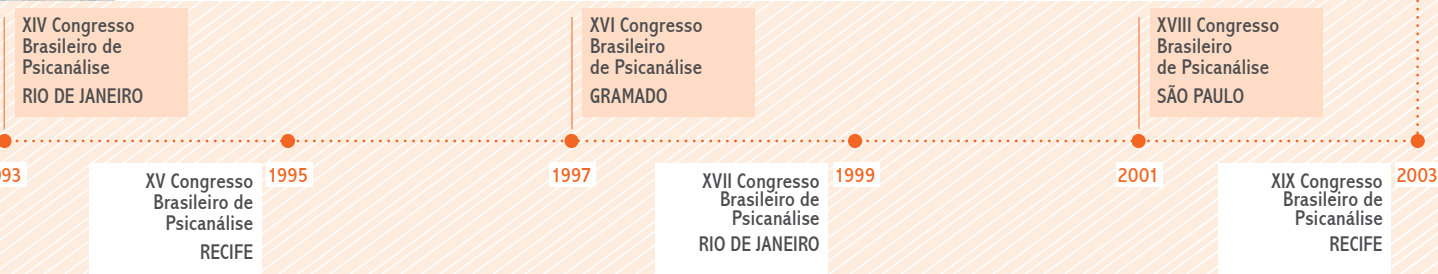
XII Congresso Brasileiro de Psicanálise
RIO DE JANEIRO

1987
XI Congresso Brasileiro de Psicanálise
CANELA

1989
1991
XIII Congresso Brasileiro de Psicanálise
SÃO PAULO

Quando se reflete nos desafios atuais e no futuro da psicanálise, não se pode tirar de vista aquilo que está implícito na citação de Freud que constitui seu legado. A psicanálise opera ou visa contato com algo que se opõe a ela. O substrato que se pretende atingir e aproveitar o infantil, o psíquico, é consequência de uma construção singular - junto ao objeto e sua retaguarda cultural -, realizado sob eixos constitutivos preestabelecidos. Portanto, não só a resistência desse 'material' em se revelar e se dispor ao sujeito que se coloca em questão, mas também a sua labilidade, sua vulnerabilidade, destinando-o à distorção, dissolução e destruição, abrindo, no entanto, novos e possíveis espaços de reconstruções e criações. A passagem de 'em mim, em outros, e no ousado passo, no gênero humano' levou a uma importante descoberta da pulsão de morte como ingrediente essencial

O que mais assombrava Freud na questão do futuro do gênero humano é que o jogo de forças entre cultura e sujeito tenderia a nos imbuir, numa espécie de reviravolta defensiva, em um espírito e numa crença de domínio certo do "real"; na promessa de garantias, adentrando a lógica mágica e suas versões laicas americanizadas: na vida prática, é a ciência e a tecnologia que nos salva; na saúde física e mental, as vigilâncias médicas e terapias; e na vida pública, a confiança nos regimes educacionais, políticos e religiosos. Lá onde a fresta da liberdade se agita em criatividade, em linguagem, diante da falta e da incerteza – morada do mistério e da abertura da vida da infância –, o recuo da pulsão de morte ante a exigência cultural é contrabalançado pela promessa de recuperar o controle nos aposentos das prudentes ciência, gestão e sustentabilidade, alcançando a vigília em prol do gozo. Com a rejeição da falta, a alienação de sujeitos, como tais, aumenta na mesma proporção da sofisticação dos fascinantes fetiches da inteligência artificial, da robótica, da biologia digital e outros milagres que aceleram a busca de bens à medida que visam colmatar a frenética disparada da insegurança. Não só cultura de atuação, de entorpecimento nas drogas e nas religiões de toda sorte ficam à espreita, mas também ascende a intolerância, a irracionalidade política e suas lideranças fanáticas, as guerras, a fome, a doença e a marginalização. Não obstante, e, paradoxalmente, a sobrevivência do eu leva, por outro lado, a um aceite na cultura de diversidades das artes, de modos de viver, de sexualidades, de formas de família e de filiação. É onde a liberdade, face a verdade da falta, do sujeito, reivindica seus direitos. Penso que é essa configuração que solicita a psicanálise repensar seus modos de inserção na vida privada, comunitária e cultural. Aguardam-nos mais 50 anos de intenso trabalho de implementação da descoberta freudiana em novos contextos de solicitação e de ação. Nesse intervalo vamos comemorar, junto com Freud, em seis de maio, desta vez os nossos 50 anos da Febrapsi.



A PSICANÁLISE FRENTE À CULTURA TRAUMÁTICA

Quando o conceito de guerra no sentido ampliado de Clausewitz-Marx, vivemos um período histórico de violentos embates institucionais e armados que ocorrem concomitantemente com grandes transformações socioculturais, econômicas e políticas. Nessa turbulenta conjuntura assistimos ao retorno do maniqueísmo, fortemente patrocinado pelas lutas hegemônicas entre as nações centrais e periféricas, configurando uma nova era teocrática. Essa compreensão serve de ponto de partida para situar o desenvolvimento conceitual psicanalítico sobre a cultura e a civilização, partindo de Freud.

Creio necessário compreender o homem do inconsciente nessa perspectiva, tendo origem em 1920 no *Para além*. As obras que mais especificamente tratam dessa temática, como *O Futuro de uma Ilusão* e o *Mal Estar na Civilização* e a correspondência sobre a guerra com Einstein, estão inscritas na confluência entre pulsão de vida e pulsão de morte e, por isso, no intermeio é preciso situar *Bate-se numa Criança* e *Sobre o Problema Econômico do Masoquismo*. Desde então, o inconsciente deixou de ser uma hipótese e tornou-se um fato incorporado aos vários ramos do saber, enquanto as diversas leituras psicanalíticas o situam em diferentes vértices que, em minha opinião, constituem vasos comunicantes. É evidente que Freud se coloca entre os pensadores do pessimismo antropológico como Sörel, que vêem no homem uma criatura com potencial perigosamente destruidor.

Freud não chega a propor uma teoria da soberania, mas na sua correspondência com Einstein imagina a possibilidade de que as nações poderiam abrir mão de parte dessa condição na organização mundial. Tal idealização é amplamente desmentida pelo conjunto da sua produção, pois na dimensão inconsciente, o homem somente não se autodestrói porque existe uma coexcitação entre Eros e Tanatos, bloqueando o impulso de autoaniquilamento. Entretanto, o sadismo que se encontra no masoquismo moral combinado com sua constante hostilidade na relação entre os seres humanos mostra como Freud desfaz a sua momentânea ilusão.

No debate imaginário que trava com seu amigo o pastor Oskar Pfister critica a ilusão cristã de uma aproximação mental à infinitude de Deus, afirmando que se trata simplesmente de uma busca de consolo sobrenatural da nossa condição infantil para os males e violências terrenas. A partir disso, afirma sua convicção de que a saída para a destrutividade humana está na razão e na ciência, e não

naquilo que considera manifestação sociocultural de uma espécie de neurose obsessiva ou delírio de salvação.

Aqui, Freud faz sua profissão de fé ateuista, enquanto coloca a ênfase na capacidade da ciência para resolver os problemas humanos. Dessa forma, pensava que o homem não encontraria segurança na religião para o seu desamparo originário, mas poderia enfrentar suas angústias, tentando evitar o sofrimento e buscando o prazer sob suas diversas formas: sexuais, culturais, artísticas e científicas.

O pastor Pfister argumentava que Freud confundia religião e fé, pois este último fenômeno seria próprio do ser humano saído da

O pensamento psicanalítico é confrontado hoje com a difícil tarefa do complexo narcísico que infiltra a clínica, as perversões no comportamento dos fronteirigos...

animalidade. A verdade é que o percurso entre o totemismo da adoração animal cedeu lugar aos panteões mitológicos das diversas culturas, nas quais paulatinamente os deuses do politeísmo adquiriram configuração mitológica, levando ao surgimento do monoteísmo. Freud, o judeu sem Deus, nunca aderiu à Torá, mas culturalmente, jamais deixou de ser talmúdico, frequentando regularmente as reuniões culturais da Bnai Brith, portanto, jamais abandonou a aliança que o ligava a sua cultura. Isso teve consequências, como por exemplo, a afirmação reiterada de que Moisés era egípcio e de que, a canônica literatura shakespeariana fora escrita pelo conde de Oxford, quando este já morrera há muito, antes de Shakespeare ter escrito suas grandes obras!

O pano de fundo sobre o qual a crítica freudiana de todas as formas de ilusão é feita, assenta precisamente na crueldade humana que Freud conhecia da história e que as guerras lhe ensinaram, incluindo a I Guerra Mundial hoje denominada guerra dos químicos, porque a segunda seria apelidada de guerra dos físicos.

Quando Freud terminou *O Mal-estar na Civilização*, em 1930, nem imaginava que logo em seguida no mesmo ano o partido nazista assumiria a direção do Reichstag. O maniqueísmo voltava com toda força e era preciso



Valton de Miranda Leitão

MEMBRO EFETIVO
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE FORTALEZA

escolher um inimigo para a propaganda e a destruição, e essa escolha caiu ironicamente sobre o judeu, "corrupto e degenerado".

A dialética que junta e separa cultura e civilização mostrava sobejamente que na primeira o saber se torna corrompido e apropriado por poucos, enquanto o poder cai nas mãos de plutocracias, dividindo o mundo entre os que são cognitiva e moralmente superiores e o rebanho desorientado que deve ser dirigido, conforme o jornalista Walter Lippmann citado por Chomsky.

O mal-estar de que trata Freud como resultado da renúncia pulsional da sexualidade e agressividade levava o homem a ser ao mesmo tempo submisso à civilização e seu inimigo. Além disso, a teorização freudiana criava um fosso entre indivíduo e coletividade, que em parte já fora resolvido na sua Psicologia de Grupo e Análise do Ego. A partir daí as novas leituras psicanalíticas como as de Klein, Bion, Winnicott, Kohut e Lacan superaram tais antinomias, permitindo compreender que as grandes mudanças socioculturais levaram a teoria do inconsciente, da histeria para a perversão.

As grandes transformações ocorridas na sociedade humana desde a II Guerra Mundial levaram a chamada Guerra Fria entre os blocos de nações constituídos pela então União Soviética e os países capitaneados pelos EUA à consolidação de um novo tipo de maniqueísmo. Tal dispositivo foi fortemente estimulado pelo surgimento da comunicação de massas (*mass media*), estimulando a concepção habermasiana da ação comunicativa que levaria a consciência democrática a prevalecer no mundo.

O Ocidente depois da queda do muro de Berlim e do fim da União Soviética introduziu na sociocultura a ilusão de que, finalmente, o mundo poderia entrar naquele ideal que Kant chamou de paz perpétua. Isso foi teorizado pelo filósofo norte-americano Francis Fukuyama que propugnava o fim da história, na qual o homem se reconciliava com o mundo material nessa nova fase de prosperidade.

O pensamento psicanalítico é confrontado hoje com a difícil tarefa do complexo narcísico que infiltra a clínica, as perversões no comportamento dos fronteirigos, o luto resultante do trauma não elaborado que o discurso do não pensar revela.

“É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade”.

Freud, em O mal-estar na Civilização.

Poderíamos dizer que a criatura/cultura busca permanentemente controlar seu criador, causa do mal-estar, infelicidade, desconforto, insatisfações e descontentamentos, entre outros termos pensados por Freud e seus tradutores, para descrever o impacto da civilização no homem.

Por outro lado, sem as leis civilizatórias não nos diferenciaríamos dos bonobos - aquele primata que disputa com o homem em criatividade e diversidade em relação às práticas sexuais. Ou seja, o homem inventa a civilização e ela cria o homem. Richard Dawkins, em *O gene egoísta*, descreve os mecanismos que compartilhamos com os demais seres vivos, todos são máquinas replicadoras de genes, submetidos às mesmas leis que mantêm vivos os pessegueiros, os gonococos, os bonobos e os demais primos.

Quando comparados com os demais seres vivos, tudo que nos diferencia pode ser traduzido por uma única palavra: cultura, filha da revolta contra o determinismo dos nossos criadores/replicadores.

Dawkins descreve outro replicador tão poderoso quanto os genes, denominado “meme”. Ele seria uma unidade de transmissão cultural ou imitação que, assim como os genes, é conservadora, a evolução não é automática e obrigatória. “Mimeme” era a raiz grega adequada, que foi adaptada para assemelhar-se com gene. O processo é semelhante ao que chamamos de identificação.

No homem, os genes são transmitidos por óvulos e espermatozoides; já memes – tais como melodias, ideias, receitas culinárias, a importância da fidelidade ao clube do coração e conceitos psicanalíticos – se dão entre mentes.

Herdamos uma série de predisposições biológicas que em determinados períodos foram muito úteis para a sobrevivência da espécie, mas que hoje nos trazem problemas. Igualmente, alguns conceitos, ideias, princípios – memes – são retransmitidos porque foram úteis no passado ou, simplesmente, apaziguavam angústias, apesar de anacrônico-disfuncionais para a atualidade.

Portanto, assim como a civilização gera mal-estar no indivíduo, inibindo demandas instintuais, também algumas pessoas estão permanentemente criando problemas para o *establishment* cultural. No caso, não estou me referindo a crianças que esperneiam contra a lei do incesto, tampouco aos adolescentes que seguem enxergando o pai primevo em todos que impõem algumas restrições aos desejos. Refiro-me aos questionamentos da validade de conceitos que se autorreplicam como dogmas

salvadores, conceitos-rivotril que se validam pela adesão da maioria, à custa do sacrifício de alguns. Como, na mesma obra, Freud descreve: (...) a civilização se comporta diante da sexualidade da mesma forma que um povo, ou uma de suas camadas sociais, procede diante de outros que estão submetidos à sua exploração. (...) A exigência, demonstrada nessas proibições, de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as *dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça.* (...)

Genes e memes funcionam de maneira semelhante; egoístas, lutam pela manutenção da própria sobrevivência, muitas vezes transformam o sujeito em simples invólucro protetor. Uma característica cultural poderá evoluir/manter-se porque é vantajosa para ela própria, sustentada e sustentando o futuro de ilusões. Existe uma íntima relação entre esses fenômenos e o conceito de compulsão à repetição.

A Psicanálise como meme de grande penetração, precisa replicar-se e transformar-se. Vejamos a evolução das abordagens sobre a sexualidade em nossa província. Em 1996, a Revista Brasileira de Psicanálise traz uma publicação com o tema “Sexualidade e Prática Analítica”; dezoito anos depois, em 2014, outra publicação, agora abordando “Sexualidade e Gênero”. Os temas dialogam; o tempo entre uma e outra é pequeno, mas, a meu ver, existe uma clara diferença nos enfoques.

De maneira geral, correndo o risco de não ser justo com algumas abordagens, na primeira temos: normalidade/anormalidade, perversões, trauma, etiologias, polimorfismo infantil, escolha homossexual de objeto (...), como termos/expressões predominantes, apontam a direção do olhar psicanalítico na época.

Na segunda, Bernardo Tanis, no editorial, resume a direção da nova mirada: questões



Hemerson Ari Mendes

MEMBRO TITULAR DA SOCIEDADE
PSICANALÍTICA DE PELOTAS

de gênero, homoparentalidade, novas formas de prazer e de gozo, críticas à dimensão falocêntrica de certos aspectos da teoria psicanalítica, relação entre neossexualidade e acesso ao simbólico (...).

Simplificando - com todos os riscos do ato -, no permanente embate entre as demandas individuais e a cultura, na primeira, a psicanálise parece mais identificada com o polo da civilização, preocupa-se com a normatização, sustenta certa moralização defensiva, com vistas a preservar importantes (pre)conceitos fundantes.

Na segunda, abre-se espaço para escutar, entender, integrar as demandas dos sujeitos que sofrem as consequências da replicação da não aceitação e não reconhecimento das *dessemelhanças* com a maioria. Para esses, de forma reducionista, não era suficiente o redirecionamento não incestuoso do objeto de prazer, impunha-se um moralizante cerceamento maior.

Proponho algumas questões para pensarmos: Poderíamos entender que os diferentes enfoques indicam uma predominante mudança no olhar psicanalítico sobre o tema? Seria possível uma genuína mudança em tão pouco tempo? Se sim, ela é resultado de uma introspecção crítica ou de uma adaptação ao politicamente correto? Qual o impacto na dinâmica do funcionamento das Sociedades Psicanalíticas com a presença de colegas que não escondem mais as suas verdadeiras orientações sexuais? Com que naturalidade abordamos esta questão nos relacionamentos sociais dentro das instituições? De que forma ela contribui para novas compreensões e teorizações? Qual o impacto da explicitude destas presenças na liberdade de posicionamentos – ou só se mudou o sujeito que está dentro do armário - de quem se sente desconfortável com essa situação?

A Psicanálise, como uma lente bifocal, possibilita olhar os genes e os memes, o indivíduo e a sociedade, e todas as suas inter-relações. O mal-estar na civilização é inevitável, mas não devemos deixar que seus memes se repliquem, ou até se transformem, sem pensadores.

Qual o impacto na dinâmica do funcionamento das Sociedades Psicanalíticas com a presença de colegas que não escondem mais as suas verdadeiras orientações sexuais?

A LINGUAGEM DO ÓDIO

Em 2005, José Saramago publica seu livro *Intermitências da Morte*. De tantas queixas contra si, um dia, aborrecida, a morte decide não morrer mais. E, no dia seguinte à sua determinação, ninguém mais morre.

Ao contrário do que seria de se esperar diante de tantas queixas e atribuições malignas feitas à morte, a vida se transforma em um caos diante de sua ausência.

Conclusão bem humorada da reflexão: a morte precisa morrer para a que vida viva.

Apesar de a “moral da história” não trazer nenhuma grande novidade para qualquer um de nós, não podemos negar que mil foram, são e serão as maneiras dela se repetir. Há algo nesta “moral da história” que escapa, nunca sendo inteiramente apreendida, e assim, esquecida, exige ser mil vezes repetida.

Nós, os psicanalistas, também temos nossa maneira própria de contá-la. Chamamo-la “pulsão de morte”. De tal forma, e de tanto “morte”, que muitos de nós chegamos a imaginar como seria doce a vida se conseguíssemos dominá-la inteiramente, ou, quem sabe, até mesmo acabar com ela.

Muito se atribui à pulsão de morte seu caráter de destrutividade, associando-o, com justeza, a estados mórbidos onde sua prevalência se faz sentir com clareza. No entanto, sem sua presença e contribuição, tão logo alcançássemos uma estabilidade, nos veríamos aprisionados às leis da natureza e a elas ficaríamos restritos. Portanto, há algo na destruição que colabora na construção de novos sentidos.

A questão que decide sobre o viver e o morrer, entre o sadio e o doente, diz respeito ao modo com que se combinam pulsão de vida e pulsão de morte. Nesta singular combinação, própria a cada um de nós, que costumamos chamar imbricação ou intrincação pulsional, residirá não apenas nosso existir como nossos estilos de viver.

Ao mesmo tempo, marcados pelo trágico que somos, aprendemos que esta combinação jamais se resolve inteiramente e o inacabado de toda e qualquer produção humana caracteriza nosso mal-estar.

Pronto, definidas as regras do jogo, vamos jogá-lo.

Mas, cuidado, muitos podem ser os resultados, desde os mais sublimes àqueles marcados pela intolerância e ódio.

Introduzida a questão, vamos ao que nos interessa, ao jogo.

Segunda-feira, dia 07 de novembro, o jornal paulista, *El País*, publica um editorial que nos importa: A linguagem do ódio.

Prolifera na política a linguagem do ódio. Acontece na Espanha e fora dela; nas redes sociais, nos canais de televisão e nas emissoras de rádio; na rua e, também, por desgraça, nos parlamentos. A linguagem do ódio não é nova; é tão velha como o empenho dos totalitarismos, sejam de esquerda, de direita ou nacionalistas, em destruir a democracia, acabar com a liberdade e impor um credo aos indivíduos. Mas surpreende que tenha voltado, e que o tenha feito com tanta virulência.

(...) Quando a linguagem da injúria, utilizada para ofender, se traslada ao parlamento, não só se estigmatiza e subordina o ofendido, como também se exclui a possibilidade de uma resposta. Quando não há argumento, senão mera desqualificação, se elimina a opção da réplica e, portanto, do diálogo.¹

Preponderando a linguagem do ódio, se elimina o diálogo.

Bela síntese para nossos tempos: como tem sido difícil dialogar!

E agora, como dialogar com aquele que se ofende pelo fato de eu existir, pura e simplesmente existir, para além dele, diferente dele?



Miguel Calmon du Pin e Almeida

MEMBRO EFETIVO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO

E isso nos interessa não apenas por que somos cidadãos, mas por que, além disso, somos psicanalistas e vivemos de dialogar.

Creio ser uma observação já comum entre nós o quanto tem nos ocupado a necessidade de criar as condições para dialogar. Há uma torção nas exigências que a clínica psicanalítica tem nos imposto que quero por em evidência aqui: não se trata da questão sobre o quê dialogar, mas de perceber a ênfase que temos dado às condições necessárias para que o diálogo possa se estabelecer, a fim de se tornar possível.

A clínica contemporânea tem se definido em torno de como criar as condições necessárias para que nossas vivências possam se representar psiquicamente e logo criar um mundo de experiências capazes de... dialogar.

Está implícito no diálogo, assim como nas condições para sua existência, a presença do outro. Este “outro” cuja presença na linguagem do ódio é o alvo das ofensas e desqualificações.

E agora, como dialogar com aquele que se ofende pelo fato de eu existir, pura e simplesmente existir, para além dele, diferente dele?

Percebo que em nossas discussões clínicas a questão da intersubjetividade tem preponderado sobre aquelas da intrasubjetividade e isso tem modificado nossa maneira de pensar e fazer psicanálise.

Encontramos no ambiente privado de nossos consultórios, ou em trabalhos comunitários aos quais nos dediquemos, as mesmas condições observadas pelos jornais na Espanha e fora dela; nas redes sociais, nos canais de televisão e nas emissoras de rádio; na rua e, também, por desgraça, nos parlamentos.

Os nossos modos de adoeecer estão definitivamente em consonância com a linguagem do ódio que prepondera na política.

¹ Tradução livre do editorial de 07 de novembro de 2016 do *El País*.

O(s) sujeito(s) e seu(s) mal-estar

Em *As palavras e as coisas*, Foucault afirma que antes do século XVIII, o homem não existia. Compreensível, pois o conceito de homem, como sujeito e objeto do conhecimento, é uma invenção moderna que se dá juntamente com o nascimento das ciências, entre elas as ciências humanas.

Vamos aqui pensar o homem moderno e o contemporâneo tecendo um caminho pelas dimensões psíquicas, históricas e culturais, considerando que o projeto da modernidade tem seu início no século XVI, consolida-se no século XVIII e segue com transformações até hoje.

Conhecido como o século crítico, o período do Renascimento vê a fé na igreja ser abalada. Com o afastamento de Deus o homem volta-se para a própria consciência. Os estudos e as dissecções de Leonardo da Vinci focam a arte nas leis da anatomia e da natureza, distanciando-a dos ideais religiosos da Idade Média. Esta é a base para o século XVII, que se firma na ordem da racionalidade consciente, com Descartes e a certeza do cogito. E é o momento no qual a razão produz a loucura, com a instauração dos hospitais psiquiátricos.

A partir do século XVII até o XVIII, o Romantismo apresenta uma noção de eu que ocupa a cena pela liberdade da expressão subjetiva do artista em sensibilidade empática com seu tema.

É no século XVIII que se estabelece a distinção no conceito de arte e a ideia de contemplação, antes dedicada a Deus, passa a ser parte da fruição estética. Esta é a época dos salões e das academias e da ascensão da burguesia que passa a comprar as obras, diferentemente das encomendas do mecenato. E é a época do Iluminismo, da formação dos Estados Nacionais e do liberalismo na economia, que enfatiza a ideia de indivíduo com sua liberdade e seu direito de escolha e de ação.

Mas, com a divisão dos saberes pelos diferentes pontos de vista das especializações, não é mais possível manter uma concepção unitária do homem. E com a perda da garantia de estabilidade dos papéis sociais das sociedades tradicionais, não há mais um sentido de totalidade; o senso identitário torna-se incerto, o que faz com que na passagem do século XIX para o XX o fragmento torne-se a metáfora da modernidade. Como em *Baile de máscaras no Ópera*, de 1873, onde Manet apresenta as figuras humanas com partes do corpo fora da tela.

Portanto, no início do século XX a subjetividade torna-se questão para o homem moderno. O processo de industrialização divide a sociedade em classes com interesses em conflito e em profunda desigualdade.

Soma-se a isto o sangrento advento da I Guerra Mundial para compreendermos a revisão de paradigmas no espírito da época. Há um desencanto e a "amargura da beleza" torna-se epidemia entre os artistas. Está preparado o terreno para a explosão das vanguardas, que se posicionam contra a arte acadêmica e os ideais iluministas.

E, uma vez que a pergunta "quem sou?" só passa a ser feita a partir da modernidade, entendemos o contexto do surgimento da psicanálise. A noção de inconsciente leva para o interior do sujeito a fragmentação, desconstruindo o homem racional iluminista. Modernismo e psicanálise são contemporâneos e se desenvolvem mergulhados na mesma crise cultural que demandou a construção de um novo eu – o eu moderno.

Podemos tecer um parentesco histórico entre arte moderna e psicanálise, pois ambas compartilham a fascinação pelas origens, pelo primitivo, o infantil, pelo insano em sua luta por expressão. E instauram a ideia de originalidade criativa individual, algo que as vanguardas artísticas realizam no meio pictórico como um campo de experiência – e que os pacientes podem viver nos consultórios psicanalíticos.

Ainda em proximidade, 1900 é o ano da eclosão do Expressionismo na arte e da publicação de *A interpretação dos Sonhos*. O movimento expressionista reconhece a divisão entre a interioridade e a exterioridade, e denuncia que a aparência da realidade não revela as contradições que estão por trás do progresso do mundo moderno. Algo que mais à frente Freud vai localizar em meio a um mal-estar, posto que a construção do homem e suas aspirações à beleza e às realizações científicas e artísticas se dão às custas da limitação de sua gratificação pulsional. É alto o preço pela civilização, que ao ser construída pela repressão das pulsões, gera a mesma destrutividade que pretendeu evitar.

No século XXI, o mundo contemporâneo ou pós-moderno se configura a partir do momento em que as vanguardas não suscitam mais indignação. Afinal, ninguém se escandaliza mais com quase nada e os limites que anteriormente precisavam ser expandidos, hoje correm o risco de terem desaparecido.

Este é um período de multiplicidade máxima: dos conhecimentos, das autoridades, das incertezas e das múltiplas escolhas. O sujeito da ultramodernidade é ponto de passagem e de redistribuição de diferentes fluxos de informações e de imagens, e é pela participação em determinada rede de fluxos que sua identidade se define. Mas esta permeabilidade faz com que ela se torne tão fluida, que se liquefaz. Uma dissolução que



Silvana Rea

MEMBRO EFETIVO DA SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO

permite a criação de uma ética permissiva e hedonista; o esforço saiu de moda e a disciplina desvalorizou-se em benefício do culto à satisfação do desejo.

Agora, não se trata mais da necessidade de afirmação do eu do homem moderno. A exigência contemporânea é que se exerça o direito de ser si mesmo; cada um pode (e deve) escolher o seu estilo de vida, a cada momento. Também na arte o pós-modernismo é inclusivo e tem por finalidade a coexistência pacífica dos estilos: performance, body art, pintura hiperrealista, desenho, grafite.

O século XXI convoca as personalidades a que se mostrem e se dispersem em selfies. O sujeito contemporâneo não é o flâneur moderno descrito por Baudelaire, passeando pelas ruas de Paris. Ele é condenado à velocidade da informação, à virtualidade, à rapidez do devorar consumista e da fácil digestão da cultura de massas, o que o torna paradoxalmente saciado e insatisfeito.

E como é característica do contemporâneo trabalhar em um eterno presente, há uma aceleração que traz a contínua sensação de escassez de tempo. Não se dispõe de tempo para que uma vivência se transforme em experiência; consequentemente, o espaço da experiência encolhe.

O mal-estar, agora, está no não limite do excesso, da passagem ao ato, das adições, dos distúrbios alimentares, da hiperatividade, do gozo perverso. Neste cenário, alguns pensadores pregam a necessidade do retiro, como um exercício espiritual que sirva de barragem para estes fluxos. Algo que privilegie a lentidão, a paciência, a regularidade e a memória.

Um desafio para a psicanálise, que pode garantir um lugar de reflexão sobre o que foi vivido e que faça surgir o Ser da experiência. Uma experiência que, como nos movimentos artísticos, é feita de rupturas e de reorganizações. Arte e psicanálise novamente se aparentam. Agora, como lugares de resistência.



FORTALEZA RECEBE O CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

Decorridos 14 anos, o Congresso Brasileiro de Psicanálise volta ao Nordeste, agora em Fortaleza, com suas inúmeras opções de lazer, cultura e turismo. Nos intervalos entre as atividades científicas os psicanalistas e seus acompanhantes poderão desfrutar de várias atrações.



Theatro José de Alencar, no centro da cidade, é referência artística e arquitetônica no país, além de ser tombado pelo Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional. Sua estrutura foi desenhada a partir de uma solução inusitada, que mostra uma fachada em estilo eclético, justaposta a uma estrutura de ferro.

O Centro Cultural Dragão do Mar é outro espaço cultural que reúne teatro, cinema, shows e galerias de arte. A programação intensa incentivou a restauração dos casarões neoclássicos, transformados em bares, restaurantes e casas noturnas no entorno.

Na Avenida Beira Mar encontram-se vários restaurantes, hotéis, bares e pontos de encontro, além da tradicional Feirinha de Artesanato, onde um extenso grupo de barracas expõem diversos artigos típicos da região. A Empresa Cearense de Turismo (Emcetur), o Centro de Artesanato do Ceará (Ceart) e o Mercado Central são outras ótimas opções para conhecer e adquirir artigos feitos pelas caprichosas mãos dos artesãos.

Sendo Fortaleza a "loira desposada do sol", é possível apreciar o pôr do sol na Ponte dos Ingleses, um dos símbolos da cidade. Construída no início do século XX, foi utilizada para atividades portuárias antes da construção do Porto de Mucuripe.



A tradicional Praia do Futuro é um convite permanente para o relaxamento em frente ao oceano, acompanhado da excelente culinária regada a peixes e frutos do mar.

Falésias e dunas são marcas registradas das praias próximas à Fortaleza. Cumbuco, Praia das Fontes, Morro Branco e Canoa Quebrada formam o cenário perfeito para quem quer aproveitar o tempo livre com tranquilidade. Jericoacoara compõe um dos mais belos presentes da natureza. Os ventos de Jeri esculpiram diversas formações rochosas e dunas que descortinam o pôr do sol indicando o caminho das lagoas de águas transparentes e cristalinas que oferecem um banho restaurador.

Como entusiasticamente afirmam as psica-

Comitê local prepara com entusiasmo o evento para os psicanalistas

nalistas Lourdes Negreiros e Regina Esteves, do comitê local do Congresso "É neste cenário que Fortaleza, a terra da luz, convida para o **XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise**. Morte e vida - novas configurações será o tema e o motivo principal para que os psicanalistas de todo o Brasil para cá se dirijam, no período de 01 a 04 de Novembro de 2017. A Febrapsi nos instiga a pensar sobre os impasses e as vicissitudes que nos encaminham em direção ao viver ou morrer. Fortaleza nos oferece um colo tépido e continente para pensá-los."

MORTE E VIDA NOVAS CONFIGURAÇÕES

XXVI CONGRESSO
BRASILEIRO DE PSICANÁLISE
1º a 4 de novembro 2017
Centro de Eventos do Ceará
Fortaleza | Ceará

REALIZAÇÃO

FEBRA PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

APOIO

spfor
sociedade
psicanalítica
de fortaleza

